

ENTREVISTA: RAYMUNDO HERALDO MAUÉS

“Não é possível entender as populações amazônicas sem considerar suas práticas religiosas populares”

Por Revista Terceira Margem Amazônia:

Tânia N. O. Miranda

Roberto Araújo Martins

Raymundo Heraldo Maués é bacharel e licenciado em História (1962) pela Universidade Federal do Pará, mestre em Antropologia (1977) pela Universidade de Brasília e doutor em Antropologia Social (1987) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. É Professor Emérito da Universidade Federal do Pará, Bolsista 1B do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sócio efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e da Associação dos Cientistas Sociais da Religião no Mercosul/ACSRM. Foi agraciado pela ABA com a Medalha Roquette Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira durante a 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, em agosto de 2010. Trabalha como professor voluntário na Universidade Federal do Pará, sendo professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da mesma Universidade. É também professor permanente do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade do Estado do Pará e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Pará. Foi membro do Conselho Diretivo da Associação dos Cientistas Sociais da Religião/ACSRM, durante o biênio 2011-2013, tendo sido eleito em novembro de 2011 em Punta del Este, Uruguai, como um dos dois representantes do Brasil. Publicou 54 artigos em periódicos especializados e 45 trabalhos em anais de eventos. Possui 34 capítulos de livros, quatro coletâneas e cinco livros publicados, entre eles: *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores; Padres, pajés, santos e festas;*

e *Uma outra invenção da Amazônia*. Participou de 75 eventos científicos no Brasil e cinco no exterior. Orientou sete teses de doutorado, 26 dissertações de mestrado e coorientou cinco, além de ter orientado 10 trabalhos de iniciação científica, 15 de conclusão de curso de graduação e nove de aperfeiçoamento/especialização nas áreas de antropologia, história e sociologia. Atua na área de antropologia, com ênfase em antropologia da religião e antropologia da saúde. Em suas atividades profissionais interagiu com 48 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos.

TRAJETÓRIA DE VIDA

Raymundo Heraldo Maués nasceu em Abaetetuba/PA, no distrito do Tucumanduba. Nessa época, o município chamava-se Abaeté. Veio muito jovem para Belém com seus pais adotivos Geraldo Maués e Olga Miranda Maués. Nunca perdeu os vínculos com sua genitora, Feliciano Maués, nem com seus parentes mais próximos em Abaetetuba. Estudou inicialmente no Colégio Progresso Paraense (um colégio católico) e também no Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo, tendo depois completado seu curso ginásial e científico no Colégio Estadual Paes de Carvalho. Fez graduação em História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, tendo se graduado como bacharel e licenciado no ano de 1962. Desde o curso de graduação já exercia o magistério no mesmo Colégio Paes de Carvalho. Essa atividade foi interrompida em 1963 por ter participado das atividades do Movimento de Educação de Base/MEB, pertencente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB, na cidade de Bragança, atuando na alfabetização de adultos através da Rádio Educadora de Bragança e no processo de sindicalização rural. Foi nesse ano que, juntamente com sua mulher, Maria Angélica Motta Maués, também professora de história, passou a viver nessa muito aprazível cidade. O golpe militar de 1964 inviabilizou sua permanência nessa atividade. Voltaram, então, os dois para Belém, retomando suas atividades no magistério de segundo grau. Além de trabalharem no mesmo Colégio Paes de Carvalho, os dois ensinaram história também em vários outros colégios, entre os quais: Colégio Santo Antônio (Heraldo), Colégio Moderno (Heraldo e Angélica), Colégio Herbart (Heraldo e Angélica) e Escola Técnica Federal (Heraldo). Heraldo Maués ensinou também no Curso Vestibular Rui Barbosa, que preparava candidatos ao vestibular na área de ciências humanas.

Revista Terceira Margem – Trajetória Acadêmica

Em primeiro lugar, devo dizer que não estou aqui falando como adepto ou membro de qualquer forma de Igreja ou religião, mas, sim, como cientista da religião (antropólogo) e, por isso mesmo, minhas palavras não são as de um crente, porque aqui isto não cabe. Também não significa que rejeito qualquer forma de religião. Como antropólogo, trato aqui de todas as formas religiosas com respeito, mas também como fenômenos sociais (sem, é claro, reduzi-las apenas a isto). O estudo socioantropológico da religião tem por principal finalidade entender a cultura e a sociedade humana.

Antes de entrar na Universidade, fui convidado pelo então professor e grande amigo Walcyr Monteiro para substituí-lo na função de professor de antropologia na tradicional Escola de Enfermagem Magalhães Barata, agora integrada à Universidade do Estado do Pará (hoje quase ninguém conhece mais Walcyr como professor, sendo famoso como escritor de “Visagens e Assombrações”, lido por um grande público, inclusive jovens e crianças). Foi assim que me iniciei no ensino da antropologia da saúde.

Quando fui fazer o Mestrado na Universidade de Brasília, juntamente com Angélica, resolvi estudar a mesma temática, produzindo uma dissertação sobre os conceitos de doença e saúde em uma povoação de pescadores na região do Salgado, pertencente ao município de Vigia, chamada Itapuá. Angélica estudou o *status* das mulheres nesta comunidade e posso dizer que ela é uma das pioneiras do estudo sobre gênero no Brasil ao produzir e defender uma dissertação, em 1977, sobre “trabalhadeiras e *camarados*” (mulheres donas de casa, mas que também trabalhavam nas plantações e coletavam mariscos, enquanto os homens se dedicavam à aventura da pesca) e começou este tipo de pesquisa a partir daí, mas ninguém falava em gênero nessa época. Ela tratava sobre o *status* das mulheres em uma comunidade de pescadores. Eu fui estudar os conceitos de doenças e como isso tinha a ver com religião, fui estudar os pajés, os xamãs. Curiosamente para mim esses pajés se consideravam bons católicos e isso me fez estudar o catolicismo também, e a partir daí são duas as áreas de pesquisa em que trabalho até hoje: Antropologia da Saúde e da Doença e Antropologia da Religião. Então, eu concluí em minha análise que o xamanismo caboclo e a atuação dos pajés dentro do catolicismo era uma prática comum, porque todos eles se diziam católicos, frequentavam a igreja como qualquer católico popular, uma vez ou outra alguns mais, outros menos. Então, para mim, estavam incorporados no catolicismo e até hoje é assim. Claro que as autoridades religiosas rejeitam para eles (os pajés) a condição de verdadeiros católicos. Um desses pajés (o mais sábio deles) me dizia, porém,

que Jesus Cristo fazia o que “nós fazemos aqui”, pois curava os doentes (nesse sentido Jesus Cristo era também um xamã). Se você interpreta do ponto de vista da sociologia e da antropologia da religião, Jesus era de fato um xamã, o líder de uma seita religiosa que depois se implantou sem considerar somente a questão estritamente religiosa, mas do ponto de vista socioantropológico ele era um xamã e líder religioso, cujo prestígio se fortaleceu mais ainda com o crescimento do cristianismo.

RTMA – Religião e movimentos sociais – confunde-se muito com a sua vida.

RHM – Isso aconteceu no caso da Igreja Católica. Em grande parte, pelas mudanças antes do Concílio Vaticano II e com o movimento chamado Teologia da Libertação, essas questões se tornaram mais importantes com as mudanças: as questões políticas se tornaram bem mais importantes. O Concílio Vaticano II produziu dois importantes documentos: *Lumen Gentium* (Luz do Mundo), um documento que enfatiza o papel do Espírito Santo na igreja, e *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança), que enfatiza as questões sociais. Trata-se, a meu ver, dos documentos mais importantes do Concílio Vaticano II e alguns movimentos, algumas formas de teologia, estão ligados a estes documentos. Claro que a Teologia da Libertação é anterior ao Vaticano II, mas se fortaleceu com esse importante Concílio. Havia entre os católicos muita gente trabalhando neste sentido, antes do documento. Por isso o documento *Gaudium et Spes* – que enfatiza as questões sociais – em grande parte favorece a Teologia da Libertação. *Lumen Gentium* tem o papel de enfatizar a importância do Espírito Santo na Igreja: ele exerceu grande importância para a criação da Renovação Carismática Católica, mas também influenciou bastante os teólogos da libertação. A RCC de certo modo “arrombou as portas da Igreja Católica”, apesar de toda a oposição de bispos, padres e mesmo leigos engajados no social. Entretanto, algumas pessoas criaram uma espécie de teoria conspiratória que, para mim, não tem sentido nenhum: que a Igreja Católica resolveu “inventar” a RCC para evitar a saída de fiéis. Isso não é verdade e, na minha opinião, foi a força do pentecostalismo que arrombou as portas da Igreja Católica, como disse antes.

Sou de opinião que o pentecostalismo é um dos movimentos mais importantes do Cristianismo como um todo, o mais importante nos últimos 100 anos ou um pouco mais. Ele continua forte nas igrejas pentecostais e penetra também nas igrejas do protestantismo histórico e no catolicismo, tendo criado muitas igrejas pentecostais a partir dos Estados Unidos da América e tendo

sido também influenciado pelas religiões de matriz africana, embora se oponha a elas, às vezes, radicalmente.

É uma coisa muito curiosa, entre os primeiros líderes do pentecostalismo nos Estados Unidos – onde ele especialmente se fortaleceu – estava Charles Fox Parham, figura controversa, branco, acusado de racista e membro da Klu Klux Klan que não permitia seu aluno negro William Seymour entrar na sala de aula: ele ficava o tempo todo sentado numa cadeira junto à porta. Seymour, depois de receber o dom da glossolalia, criou uma igreja em Los Angeles, na rua Azusa, onde o movimento pentecostal acolheu muitos negros e passou a ser noticiado pela imprensa americana, a partir de 1906.

Criaram-se, então, dois “movimentos”: o pentecostalismo negro e o pentecostalismo branco. Em outros países, inclusive na Europa, o movimento pentecostal se manifestou de diferentes maneiras. Mas para nós é muito importante considerar o papel de um missionário italiano chamado Luigi Francesconi, que vindo dos EUA fundou em São Paulo a Igreja chamada Congregação Cristã do Brasil (1910). Ele chegou ao Brasil no mesmo ano em que chegaram os dois famosos missionários suecos (Daniel Berg e Gunnar Vingren) que, também vindos dos EUA, aportaram em Belém, onde fundaram em 1911 uma casa de culto que depois recebeu o nome de Assembleia de Deus (seu crescimento foi muito rápido, a partir de Belém, tornando-se logo a mais importante igreja pentecostal do Brasil e do mundo, superando em tamanho a própria AD americana).

Enquanto isto, Parham acabou tendo de se afastar do ministério, por várias controvérsias, e novos pregadores brancos assumiram a liderança deste ramo do pentecostalismo. O que veio para o Brasil foi o lado branco do pentecostalismo. Nós não conhecemos o lado negro diretamente, que não só forneceu e criou novos movimentos sociais, mas também contribuiu para a música popular americana, como o jazz, porque músicos, cantores e compositores americanos foram muito influenciados pela frequência a igrejas negras pentecostais nos EUA.

E mais, o pentecostalismo a meu ver é o movimento religioso cristão mais importante no Brasil e no mundo nos últimos anos. Ele está avançando cada vez mais. A Renovação Carismática Católica/RCC nos EUA surgiu de um grupo de estudantes e professores jovens das Universidades de Duquesne e Notre Dame, que foram influenciados pelos pentecostais protestantes, mas disseram que não queriam deixar a Igreja Católica, queriam ser pentecostais católicos. No início, eles até criaram uma comunidade que incluía protestantes e católicos. Depois houve muita pressão dos bispos americanos e rapidamente

a RCC se espalhou pelo o mundo e veio para o Brasil, para a África e várias outras partes do mundo. Então eles conseguiram a aprovação da Igreja Católica através de uma estratégia interessante. Resolveram fazer uma reunião internacional na Itália. O papa da época era Paulo VI, que deu grande apoio à RCC e a reconheceu. Em importante documento da época há as seguintes palavras de Paulo VI:

Caros filhos e filhas: com a ajuda do Senhor, contando com a intercessão de Maria, Mãe da Igreja, e na comunhão de fé, de caridade e de apostolado com vossos pastores, estareis certos de não equivocar-vos. E dessa forma contribuireis por vossa parte para a renovação da Igreja, que é a renovação do mundo. Jesus é o Senhor! Aleluia!¹

Este final da citação é interessante, pois lembra uma frase que a gente reconhece no Brasil por constar das fachadas dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus/IURD. As palavras do papa neste ponto são muito semelhantes: “*Jesus Cristo é o Senhor*”.

Outro fato importante é que a RCC não foi criada para deter a saída de fiéis católicos, foi o contrário, foi o Pentecostalismo que se impôs à Igreja Católica Apostólica Romana. Por outro lado, ficando apenas no Brasil, se formos à internet e procurarmos o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB, que aprova a RCC em nosso país, veremos que ele é quase todo na negativa, pois os bispos aprovaram oficialmente, mas o documento é cheio de negativas: não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, um monte de proibições. No entanto, a RCC foi influenciada pelo documento do Vaticano II *Gaudium et Spes*, como disse antes. Por outro lado, se considerarmos o importante livro de André Corten “Os Pobres e o Espírito Santo” veremos que ele enfatiza a importância desse documento não só para a RCC, mas também para os teólogos da libertação. Por outro lado a RCC inova adotando o pentecostalismo ao retornar a tradições muito antigas do cristianismo que remontam à origem dessa religião tão importante no mundo de hoje. E, mais ainda: retomando parte do que disse antes, apesar de não terem cessado certos conflitos, hoje há pelo menos um artigo relativamente recente na Revista *Religião e Sociedade* (Ivo Lesbaupin e colaboradores) que mostra como já existem CEBs onde seus participantes convivem também com a Teologia da Libertação e a RCC, quando antes era uma briga terrível, era um conflito

¹ Disponível na internet através do *link*: <http://cleofas.com.br/os-papas-falam-sobre-a-renovacao-carismatica/>

muito sério, e hoje esta convivência já parece ser possível. Na verdade, não há nenhuma justificativa de oposição a uma coisa ou outra, mas no início, havia um acirramento muito grande de conflitos. A questão não é tão simples, mas tudo indica a possibilidade de um diálogo entre duas propostas soteriológicas diferentes – mas não incompatíveis – dentro da mesma Igreja.

RTMA – Qual a relação dos estudos sobre religiões e movimentos sociais na Amazônia? Sabemos que historicamente há uma ligação forte da TL e CEBs com a criação dos MS e Partidos de Esquerda, a RCC conseguiu se aproximar dos MS?

RHM – Não sei responder efetivamente de forma mais detalhada, mas pelo que ouço e leio posso dizer que tem havido uma aproximação da RCC com os MS, como disse antes. Há um artigo publicado em *Religião e Sociedade*, escrito por um importante sociólogo católico, Ivo Lesbaupin (e seus colaboradores), mostrando que em algumas CEBs existe convivência entre RCC e Teologia da Libertação. O artigo se intitula “Revisitando as CEBs: um estudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais”. Trabalhei essa questão também em artigo publicado na mesma revista *Religião e Sociedade*, examinando mais particularmente a Amazônia Oriental, no artigo intitulado “Comunidades ‘no sentido social da evangelização’: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira”. Esse artigo, em parte trabalhando dados de dois trabalhos acadêmicos – uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado – de alunas nossas (Rita de Cássia Pereira da Costa e Ivonete Coutinho da Silva) mostra a vitalidade das CEBs nessa parte da Amazônia, mas não mostra a relação entre CEBs e RCC, como aparece no artigo de Lesbaupin e colaboradores.

RTMA – Qual a importância hoje na Ufpa/Uepa sobre as pesquisas em religião? Que diferenças e semelhanças existem entre a antropologia da religião e as ciências da religião?

RHM – Evidentemente o trabalho da Uepa é mais importante que da Ufpa porque há uma história anterior da Uepa que começa, em certo sentido, na Ufpa e depois ganha força muito grande na Uepa. Há alguns anos atrás, a Ufpa teve um convênio com a Arquidiocese de Belém em um Curso de Teologia. Eu já era professor da Ufpa e cheguei a dar aulas no curso de Teologia, uma das minhas alunas foi Marga Rothe, pastora luterana, que teve e tem uma atuação muito importante não só na área da religião, como também nos movimentos sociais. O Curso de Teologia era coordenado pelo padre Savino Monbelli; ele implantou o curso e, como se tratava de uma universidade pública, tinha de

ser aberto a todas as pessoas, católicas, protestantes, budistas, pessoas oriundas de outras religiões ou até mesmo sem religião. Mas a Arquidiocese de Belém, na época, estava incomodada com isso, pois queria uma formação para sacerdotes católicos e, como isso não era possível, houve um impasse, não sei todos os detalhes, sei que o curso foi extinto. A Uepa mais tarde aproveitou a ideia – não sei quem teve essa ideia na Uepa –, mas como nessa época havia o Curso de Ciências da Religião em outros lugares do país, criou-se o curso Ciências da Religião que, evidentemente, não é um curso de teologia: ele pode trabalhar todas as outras ciências da religião. Não forma teólogos, mas, sim, cientistas da religião. Em cada igreja cristã (não sei se digo corretamente) se ensina uma teologia que é compatível com aquela igreja, uma teologia católica, uma teologia batista, presbiteriana, assembleiana e assim por diante. A Escola Batista forma teólogos, mas esses teólogos, dentro das normas da Igreja Batista; a mesma coisa nos seminários católicos... Então a Uepa foi mais sábia em criar o curso de Ciências da Religião, que existe em quase todo o Brasil e talvez no mundo inteiro.

RTMA – O que você pensa sobre o ensino religioso nas escolas de ensino médio? Ensino religioso principalmente na rede estadual. O que pensa do Ensino hoje? Tem alguma crítica a fazer?

RHM – Deixarei a resposta mais completa para mais adiante. Vou inicialmente tratar de questões relacionadas. Recentemente foi publicado por editora católica um Compêndio de Ciências da Religião, livro volumoso e importante e muito interessante para quem pratica e deseja saber mais sobre religião: os autores colocam ali todas as áreas que estudam a religião, você tem psicologia da religião, história da religião, sociologia da religião, antropologia da religião, enfim é uma quantidade grande de abordagens. Então, entre nós, bem antes disso, a Ciência da Religião da Uepa inclui isso tudo, inclusive a teologia, que não é uma ciência propriamente. Como também acontece com a filosofia, que não é uma ciência, no sentido pleno, o que de forma alguma retira o papel tão relevante da filosofia. A teologia é uma forma de entender a religião a partir de determinada perspectiva, diferente daquela da religião como prática, mas não pode ser considerada propriamente como ciência, pois a ciência da religião é diferente da teologia, mas claro que na Uepa há também teólogos e que há na teologia essa relação bem próxima da ciência propriamente dita.

Os grandes sociólogos da religião fazem referências à Ciência da Religião juntamente com os teólogos. Hoje, ela tem mais importância no estudo sobre esse tema (a religião), estudo que a Uepa mantém: possui, como universidade

pública, um curso de graduação em Ciências da Religião e, ao mesmo tempo, mantém um mestrado na área das Ciências da Religião no Brasil, o que antes não existia nas universidades públicas. Ela juntou ao ensino de graduação à pós-graduação (que agora caminha para o doutorado). Isto é uma coisa inédita, pois várias outras universidades particulares e públicas têm cursos de graduação em Ciência da Religião, mas não possuem uma pós-graduação completa dentro dessa temática. Daqui a pouco a Uepa como universidade pública passará a ter um Programa completo de graduação e pós-graduação nessa área no Brasil.

Tenho bastante críticas ao ensino religioso nas escolas de ensino fundamental e médio: o ensino nessas escolas foi criado a partir de uma questão que é muito importante à qual os antropólogos e os juristas chamam de laicidade (para ficar só neles). O Brasil é um país laico a partir da Proclamação da República. O decreto de separação entre a Igreja (qualquer que seja ela) e o Estado veio logo após a queda do Império (1889). Rui Barbosa, um dos juristas mais influentes no Brasil, redigiu esse decreto (mantendo um diálogo com o então bispo do Pará, o também baiano Dom Macedo Costa). Esse decreto foi incorporado à constituição republicana de 1891 e transformou o Brasil num país laico, onde todas as religiões devem ser respeitadas e reconhecidas, ao contrário do regime então vigente do padroado, que só reconhecia como religião o catolicismo. A Igreja Católica tinha receio da influência do positivismo que pudesse prejudicá-la, então houve uma negociação e claro que o decreto saiu e depois seu conteúdo foi incorporado na primeira constituição republicana. A partir daí, todas as constituições no Brasil incluem, repetem a mesma norma, e por isso, legalmente, nós somos um país laico. É interessante que somos um país laico antes mesmo da França. Na América Latina, onde se desenvolveu muito esse debate, o Chile é talvez o mais antigo país laico, e eu diria também que o país mais antigo como laico nas Américas é os EUA.

Em países muçulmanos, até o ponto que eu sei, há um único país muçulmano laico que é a Turquia. Há um governo teocrático no Irã que se estabeleceu com a Revolução dos Aiatolás. No caso da Turquia, foi um presidente da república, Mustafá Kemal Atatürk (palavra que significa “Pai dos Turcos”) que transformou esse país muçulmano no único que mantém a laicidade (embora com riscos de perdê-la). Mustafá Kemal Atatürk era uma pessoa muito esclarecida, lutou muito na primeira metade do século passado contra a postura das autoridades religiosas muçulmanas e conseguiu criar um país moderno e o único país laico entre os muçulmanos. Hoje há uma tentativa no sentido inverso, mas a laicidade nunca consegue ser totalmente efetiva nos próprios países

laicos. Oficialmente, nas Américas, o único país que não é laico é a Argentina, que até hoje possui um ministério da religião que sempre é ocupado por um católico: a Igreja Católica recebe subsídios do governo. Não há sérios conflitos religiosos na Argentina, mas as chamadas “seitas” são combatidas e todas as religiões não católicas têm de se registrar no Ministério dos Cultos. Também na França – um país laico do ponto de vista jurídico –, as chamadas “seitas” são combatidas, não propriamente pelo governo. Mas as chamadas seitas são algumas formas de religião que, vistas como seitas, são muitas vezes vítimas de processos judiciais, entre as quais a brasileira Igreja Universal do Reino de Deus/IURD, por exemplo, que aqui no Brasil é igreja, mas na França é seita. A laicidade nunca é prática plenamente. Em minha opinião, a laicidade é, no entanto a única garantia importante para a liberdade religiosa. Por que se o governo não deve patrocinar nenhuma religião, todas as religiões são iguais, podem se desenvolver livremente, mas isso, infelizmente, não acontece mesmo nos países laicos, como o Brasil.

Outras coisas aparentemente inusitadas acontecem. Por exemplo, no Irã, depois da Revolução dos Aiatolás, o país é dominado pelo islamismo, o que não significa que em todas as situações se cometam absurdos no Irã. Mais recentemente, houve uma abertura considerável nesse país e o governo do Irã condenou o atentado ocorrido na França, contra os jornalistas assassinados por radicais islâmicos, classificando-o como “alheio ao Islã”.

RTMA – O ensino na rede escolar tem em sua grade uma disciplina voltada para o Ensino Religioso, isso mais ajuda ou prejudica a laicidade do Estado?

RHM – Ele ajuda, sem dúvida nenhuma, mas com restrições. Fizemos, há algum tempo, uma pesquisa que teve quase um caráter nacional sobre o Ensino Religioso no Brasil, coordenada pelo antropólogo Emerson Giumbelli, que hoje trabalha no Rio Grande do Sul e tem uma forte ligação com o Instituto de Estudos da Religião (Iser), no Rio de Janeiro. O Emerson me convidou e convidou também o professor Carlos Steil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, para participar da pesquisa. Eu fiquei com a Amazônia e parte do Nordeste. O Emerson, além de coordenar a pesquisa, ficou com o Sudeste e uma parte do Nordeste. E o Carlos Steil se encarregou do Sul do Brasil. Não foi feita a pesquisa nos Estados centrais e nem no Distrito Federal. Cada um de nós trabalhou com alunos de pós-graduação (doutorado) que pela sua experiência podiam fazer o trabalho de campo para coletar dados. Quem trabalhou comigo foi a professora Vanda Pantoja (hoje professora da Universidade Federal do Maranhão, na cidade de Imperatriz), que foi minha

aluna desde a graduação em ciências sociais, com bolsa de iniciação científica, mestrado e doutorado. Os dados coletados por ela permitem ter uma visão bem interessante do ensino dessa disciplina na Amazônia e em parte do Nordeste. De um modo geral, a indicação aqui das regras do ensino religioso que preconiza o ensino da religião como conhecimento e não como prática é desrespeitada, as igrejas querem ensinar as suas crenças e práticas, geralmente querem ensinar sobre a sua religião, fazer proselitismo. Aqui em Belém, a Arquidiocese tem interferido muito, quer ensinar só o catolicismo, há também reuniões de debates, mas não se consegue trabalhar o ensino religioso como está prescrito na legislação.

No Rio de Janeiro encontramos coisa pior, quando estava no governo a senhora Rosinha Garotinho que propôs uma lei para abolir o ensino sobre a teoria da evolução e que o estudo fosse fundamentado só na Bíblia (o chamado “criacionismo”). É uma coisa que se contesta, mas ocorre até nos EUA, pátria do fundamentalismo cristão (embora esse país tenha sido forjado como laico, desde seus primórdios): é uma coisa que se contesta por ser ele o primeiro país laico no mundo. Lembro também que essa postura está presente mesmo entre estudantes de antropologia na graduação da Ufpa. Há vários anos, lecionando antropologia para um grupo de estudantes de ciências sociais, perguntei para os alunos se eles aceitavam a teoria biológica da evolução – nenhum aceitava, eles seguiam as normas da religião cristã, reproduziam o criacionismo como verdade religiosa – mas alguns deles disseram que reproduziam nas provas a teoria darwiniana para não serem reprovados.

RTMA – Qual a importância da pesquisa sobre “religiões” na Amazônia?

RHM – Recentemente fui participar de uma banca de tese de doutorado de uma estudante francesa que fez seu curso em cotutela na França (École des Autes Etudes, doutorado em Antropologia) e na Ufpa (Curso de Ciências Ambientais/Geologia). Ela desenvolveu estudo muito importante sobre a religião de populações rurais da Amazônia (área do Tapajós), mas também sobre questões ambientais e conflitos entre moradores: estudou três tipos de comunidades – ribeirinhos quilombolas, ribeirinhos indígenas e ribeirinhos que não são quilombolas e nem indígenas – e identificou uma série de rivalidades entre esses grupos, sendo que essas rivalidades são também referentes a crenças religiosas. Ela mostra em sua tese como a religião tem muitos aspectos em comum, relacionando-se com as questões políticas e econômicas, para não me alongar. Mas também aspectos de rivalidade que podem ocorrer: então, se a pesquisa não considera essas práticas mais populares na religião, não tem

sentido estudar religião na Amazônia. Essas práticas religiosas populares que são comuns na religião da Amazônia, se não se considera a religião, não é possível entender essas populações e suas formas de associação. É muito bem formulado no trabalho dela, mostrando a relevância do estudo das formas religiosas relacionadas às influências muito fortes dos indígenas (a chamada pajelança), mas também é necessário incluir o candomblé e a umbanda, além do próprio cristianismo (nas suas diversas versões).

A temática talvez não seja pensada adequadamente, sob o ponto de vista socioantropológico, a partir de uma questão muito interessante, ou seja, a consideração adequada dos três “pais fundadores” das Ciências Sociais: Marx, mas também Engels; Durkheim, mas principalmente Marcel Mauss; e Weber, com seu círculo onde havia teólogos e sociólogos (para ficar só nestes), que participavam assiduamente, com diferentes posturas, como a importante contribuição de Simmel (lembrando certa aproximação deste sociólogo às formulações de Mauss nos estudos sobre a dádiva e a reciprocidade, especialmente no caso da categoria gratidão). Engels, discípulo e colaborador de Marx, interessava-se pela religião que, afinal, contribuiu para orientar partes importantes das doutrinas marxistas ou marxianas. Marx, e sobretudo Engels, demonstraram e formularam muitas questões sobre a importância da religião numa possível mudança revolucionária no mundo camponês, mostrando que a rebelião dos camponeses contra os senhores feudais estava fundamentada na religião. Engels criticava severamente a postura de Lutero que apoiava fortemente os senhores, chegando a usar palavras terríveis contra esses camponeses, incentivando seu massacre. A perspectiva de Engels sobre a religião mostra o caráter revolucionário dos camponeses na Alemanha na época de Lutero. Marx fala um pouco sobre religião, mas alguns aspectos de suas formulações teóricas são influenciadas pela religião – quando menos como analogias –, como quando ele fala de mercadoria no primeiro livro de *O capital*, utilizando a metáfora que inclui a religião e sua “parceira”, a magia: o famoso fetichismo da mercadoria tem a ver com magia, mas a magia tem a ver ainda mais com a religião (embora não se confunda com ela). Religião e magia são muito próximas, e embora Durkheim tenha pensado em separar magia e religião, isso é impossível.

A formulação de Weber é mais correta: ele inclui a magia dentro da religião e mostra que a magia pode ser afastada o máximo possível da religião no caso do Calvinismo. O que desejo chamar atenção corresponde aos tipos ideais weberianos. Os tipos ideais não são modelos, mas são construções intelectuais bastante exageradas. Quanto se refere às religiões, ele constrói dois tipos: seita e igreja, que depois é complementada pela mística. Seita não tem qualquer

sentido pejorativo: é uma forma como a religião se apresenta, é o momento em que se torna mais veemente, mais pura, mais exaltada e mais sagrada. Depois, aos poucos, as seitas vão crescendo, se desenvolvendo e se organizando pelo carisma e sua banalização: é o caso do Cristianismo que surge como uma seita liderada por Jesus entre as diferentes seitas judaicas, como a seita dos fariseus. Uma coisa curiosa é por que Jesus criticava tanto a seita dos fariseus. Estou falando de um ponto de vista sociológico e antropológico e não propriamente religioso. A seita dos fariseus (à qual pertencia Paulo, antes de ser tocado pela graça divina) era a mais importante seita do judaísmo. Se ele queria que a sua seita fosse aceita, notada, mais importante, ele tinha que se colocar contra a seita mais importante dos fariseus, ele tinha que criticá-la, enfim, isso é muito comum nas diversas sociedades, até os nossos dias. A seita não é pensada por Weber como algo pejorativo, mas é uma forma de religião que dá importância muito grande ao aspecto carismático: ela faz cura, encanta os fiéis com seu carisma, mas aos poucos vai se institucionalizando, se burocratizando e se transforma mais tarde em uma Igreja, em uma grande estrutura, perdendo parte de seu carisma e tornando cada vez mais tradicional (precisa, muitas vezes, recuperar parte de seu carisma para poder sobreviver). Mas não se trata apenas desses dois tipos ideais, de seitas e igrejas: há outro tipo ideal que Weber criou sob a influência de um teólogo alemão de seu círculo, Ernest Troeltsch. Trata-se aqui da mística, um tipo ideal que também se contrapõe à ascese, que pode existir tanto na seita como na religião. A mística implica numa proximidade muito grande com a divindade e nem sempre é bem visto pelas autoridades religiosas, pois se há mística talvez não haja necessidade de sacerdotes, que constituem a mediação entre o leigo e a divindade.

Por outro lado e, para concluir, a importância da ascese. Esta é uma questão muito importante, pois a ascese, de alguma forma se opondo à mística, mas que impele o crente a propagar e lutar por sua crença. Embora de certo modo oposta à ascese, no entanto, pode conviver com a mística. Um dos exemplos mais importantes é o de Tereza d'Ávila, no catolicismo. Era uma mulher frágil e repleta de visões místicas, pela sua aproximação radical da divindade. Mas, ao mesmo tempo, era uma mulher muito ativa no processo de moralização da vida monástica feminina na Espanha, onde também fundou uma importante congregação religiosa: as carmelitas descalças.